



ESTUDOS DE OCCULTISMO

(Continuação)

Só no fim do duodenario seguinte se produziu a reacção que, começando na batalha de Sedan, lhe havia de fazer perder o throno. Certamente não se nota na disposição de estes acontecimentos a divisão bem nitida dos duodenarios e periodos respectivos de divisão; mas devemos notar que não conhecemos bem todos os pormenores da vida de Napoleão III, na qual deve haver acontecimentos a que a historia não liga importancia, mas que seriam absolutamente necessarios, para nos servirem de pontos de referencia.

Afinal a falta de nitidez na separação dos cyclos deve muitas vezes produzir-se, pela razão de que não se colhe senão o que se semeia. Quem não tiver feito sementeira do Bem, terá cyclos onde se notará a má sorte em todos os acontecimentos, desaparecendo quasi por completo o *influxo periodico do Bem*. O mesmo succederá, como já vimos, quando a reacção se não pode produzir dentro do duodenario; e muitas reacções haverá que só em reencarnações ultteriores se manifestem.

Debaixo d'este ponto de vista, podemos comparar a sequencia dos dias felizes e aziagos que se succedem na vida d'um individuo com o clima de uma dada localidade; e assim como a temperatura é o principal factor das estações, e assim como a sua marcha durante o anno caracteriza um clima, e depende da latitude, altitude, humidade, etc., assim os dias felizes ou infelizes caracterizam a divisão do cyclo, como consequencia das boas ou más acções revelando o predominio do Bem sobre o Mal ou vice-versa.

Poderá succeder que num dado logar de latitude media, haja durante o anno grandes oscillações de temperatura, e que ahi o inverno seja rigoroso e prolongado e o verão curto e ardente, como o clima chamado continental das regiões temperadas. Por analogia, o periodo dos dias infelizes será longo e rigoroso, e curto o dos dias felizes, embora durante esse pouco tempo, a fortuna faça sentir vigorosamente a sua acção.

Analogo á temperatura dos climas maritimos, será o cyclo individual que não apresenta grandes oscillações, entre os dias felizes e aziagos. No entanto os miseraveis a quem, durante um periodo de varios cyclos, coube a infelicidade em partilha, completam a analogia com os climas frios das re-

giões polares, onde durante mezs se não avista um unico raio de sol.

E aquelle a quem a sorte bafeja, durante uma vida inteira, tem um cyclo analogo ao clima tropical, onde o frio é desconhecido.

Hade notar-se que o nascimento de um individuo nem sempre coincide com o começo do duodenario; produz-se ás vezes em qualquer anno de um dos quaternarios. E' provavel que a vida physica do individuo que sofre uma encarnação, comece exactamente no ponto onde o ultimo cyclo da encarnação anterior foi interrompido pela morte.

Quizemos levar ainda mais longe este estudo e examinar o que se passa dia a dia, durante a evolução de um cyclo, mas aqui não tomamos tão felizes, e os resultados que obtivemos carecem de clareza e precisão; por isso nos abtemos de os apresentar aos leitores.

(Continua)



Extranho acanhamento...

... Amava; era bem certo, assim como que a medo, E receando talvez que affecto de um só dia Se fosse desfazer em gumes de rochedo, Ou encontrasse a morte em gélida ironia!

Mas sobre dia mez, e sobre mezes, annos, E «ella» tambem amava ou bem podia amar-me—

Tentei fallar-lhe: em vão!... temendo os desenganos —Que louco!— até fugia, em vez de approximar-me!...

Eis que a flamma do amor, já mais intensa, lavra Vencendo, avassallando o coração afflicto D'esta alma atribulada e d'outra alma escrava;

Então ousei fita-la—e seja Deus bendito!— «Ella, còrou, sorriu!.., Nem murmurei, palavra...

Que os olhos meus, por mim, já tudo haviam dito!...

Evora, Janeiro de 1909.

JOSÉ CORDOVIÉ

DIALOGO

a F. L. C.

O senhor insulta-me; não, não quero, não posso... minha familia... o mundo... — Disse ella erguendo a sua cabecita negra, mostrando o seu perfil trigueiro e lindo, cuja sombra o luar projectava na parede muito branca, aguçando-o.

— Mas então ousará exigir-me as-

sim perfidamente defendida pelo amor que me devora, pelos desejos que me excitou, o abandonar os principios que a minha razão considera sagradamente inflexiveis? Por acaso baseada num convencionalismo hypocrita, invocando um preconceito imbecil, quer a sr.^a obrigar-me á pratica d'um acto que eu considero uma infamia? Eu peço lhe simplesmente que o nosso amor seja puro, casto, moral; prefere o normalismo burguês, o contracto banal, a venda repugnantemente torpe. Pois bem, eu seguirei, embora torturado pelo amor, o meu caminho; partirei em busca do ideal que eu adoro e me vivifica.

— Espere... amo-o tanto, tanto; por mim, mas o mundo... o que dirão meu Deus, deshonrada, perdida, fechando-se-me todas as portas, fitando-me indignados todos os olhares.

— É tenta a senhora refrear a força interior que nos approxima e nos attrahe, temendo unicamente a opinião publica.

Que importa que ella nos amaldiçoe, nos stygmatisse, se a natureza eternamente bella, infinitamente prodiga, nos abençoa.

Uma é o carcere escuro onde se estiolam as almas dos fracos, outra é a mãe generosa e fecunda em cujo seio vão cantar os espiritos livres.

Fallou na deshonra... e sabe por acaso, a senhora o que é a honra... o que é a honestidade? Será honesta a creatura, que acompanha ao altar, e ao leito, o individuo que não ama... que offerece o seu corpo virginal, á sexualidade ferós e estúpida dum imbecil, ou á imbecillidade devassa dum velho, só porque algum destes lhe traz, em troca do seu amor ficticio, das suas fingidas caricias, as toilettes com que deslumbra nos theatros, as joias com que fascina nas soirées os mil perfumes exquisitos que estonteiam?

Consistirá a honradês em sacrificar uma prole que mulher fecunda poderia dar util para a collectividade, ao egoismo criminoso, duma familia, dum pai, ou mesmo da propria femca? Não; o que a moral burguêza venera é a prostituição, a infamia, o acto anti-social; ella é a verdadeira e sã moral são antagonicas.

Esta ultima considera um feito absolutamente honroso e honesto, uma mulher galgando todos os velhos preconceitos que milhares d'annos de servilismo e d'erros amontoaram, não necessitando do cumprimento banal duma formalidade, da benção ridicula dum padre, ou da sanção fria do registo civil, entregar-se feliz e venturosa aos braços de homem amado, gosando na intimidade e no mysterio, as sensações que são as mais vivas de todo o organismo, a função que é a mais sublime de toda a vida humana.

E é esta a verdadeira moral, a da humanidade, a da propria natureza. Interrogue a musica dos ninhos, as arvores e as flôres sobre os mystarios

fecundos do seu amado; pergunte ás teias indomáveis das florestas e ás pombas brancas que esvoavam por sobre o beiral do seu telhado, quem abençoa as suas uniões sexuaes; — e ellas entoam felizes os seus epithalamios divinos. E' assim a naturêsa, e é sobre ella que se deve basear a nossa moralidade; a moral grande e humana opposta a outra tyrannica, pertença duma casta .

— Compreendi-o; amo-o, amo-o muito... vamos, quero ir comsigo, detinha-me somente o preconceito e eu quero dominal o . . .

A noite é bella e sob o aroma rescedente das magnolias, á luz d'este luar de opala, miremos os nossss corpos, até que o sol, o eterno creador, subindo do Oriente, venha surprender radiante as nossas boccas fundidas num beijo ardente e fecundo... e abençoe o nosso amôr . . .

E por entre a folhagem silenciosa dos arbustos, ao longo do jardim, desaparecêram dois vultos, emquanto muito ao longe uma guitarra gemia, numa rua deserta, sob um balcão florido.

Coimbra — Janeiro de 1909.

JULIO BAPTISTA.

Musa Galhofeira

MOTTE

*Senhora madre abbadessa
Não castigue as educandas.*

GLOSAS

No Amor não seja avêssa,
Não despreze os corações,
Deixe um pouco as orações,
Senhora madre abbadessa! . . .
Não tenha ares de condessa,
Nem com Cupido, demandas,
Não faça coisas nefandas,
Que o prior vá castigar . . .
Deixe as pequenas gosar,
Não castigue as educandas! . . .

RRI LUSO

Que escrupulos, ora essa! . . .
Em seu corpo encarquilhado
Nunca penetrou. . . peccado,
Senhora madre abbadessa?
Deixe essa furia indefesa
Que a faz andar em bolandas!
E lá porque o Deus Cupido
Lhe tem ovelhinhas f'rido,
Não commetta acções nefandas. . .
Não castigue as educandas!

CHICO

Isso tem pés ou cabeça,
O ralhar d'essa maneira?
Finde com essa inferneira
Senhora madre abbadessa,
E, consinta, que lhe peça,
Que use maneiras brandas,

Não é com taes sarabandas,
Que «metta o leme de ló.»
E a não ser com pão de ló,
Não castigue as educandas.

A. PITOU

Senhora madre abbadessa
Eu já vos pedi por Christo.
E até por Deus. . . Depois disto
Por quem mais quer que lhe peça?!
Se Deus não foi sufficiente
Só me resta, recerente
Ante essas cans venerandas
Pedir-lhe, em vóz compungida
—Madre «pela sua vida»
Não castigue as educandas!

M. CLAUDIO

Motte a glosar

*Diabos levem o amôr
Que me faz d'estas partidas.*

VIDA DESPORTIVA

Foot-Ball

Com a victoria dos portuguezes, realisou-se terça feira no vasto campo do Lumiar o desafio entre portuguezes e inglezes, esperado com tanta anciedade por todos os que se interessam pelo desporte nacional.

Por este desafio se vê as excellentes aptidões que os portuguezes teem para o foot-ball, conseguindo vencer aquelles para quem o foot-ball é o jogo nacional por excellencia.

O grupo portuguez era assim constituído:

Costa, Mocho, Damião, Personio, França, Meyrelles, Vieira e Pereira do Sport-Lisboa Bemfica; Sabbo e Fernando Pinto Basto do Club Internacional de Foot-Ball; José Bello do Sporting Club Portugal.

O 1.º goal foi mettido por Pinto Basto.

O 2.º pelo inglez Haumont.

O 3.º por Antonio Costa.

O 4.º e 5.º por Pinto Basto.

Ambos os grupos, mas principalmente o portuguez, foram delirantemente ovacionados pela enorme concorrencia que assistia ao *match* (talvez 3.000 pessoas).

Outros desafios

Alem d'este sensacional desafio realisaram-se os seguintes:

No campo d'Alcantara entre os 2.ºs grupos do C. I. F. e do S. U. B., vencendo o primeiro por 9 *goals* contra zero.

No campo da Escola Academica entre esta escola e o Lyceu S. Domingos, ficando empatado 1 por 1.

Pedestrianismo

Conforme noticiámos realisaram-se no domingo as corridas pedestres, promovidas pelo Sport Grupo Alliança.

Ficaram vencedores em primeiro lugar a equipe Armando Cruz, João Aguiar do S. C. N. e em seguida a equipe Bomjardim, Arthur Vigario do S. G. A.

Amanhã realisa-se a segunda e ultima prova.

Atheneu Commercial de Lisboa

Realisou-se terça feira o banquete em honra de Antonio Pereira, Antonio Neves, Homero Alves e Francisco Marçal que tanto se sa'ientaram nos ultimos campeonatos de pesos e alteres e de natação.

O banquete correu sempre animadissimo, fallando alem dos festejados os snrs Theophilo da Fonseca, Neves Vital, Duarte Rodrigues, Vasco Ribeiro, Nobre Martins, Francisco Cardoso, Julio Correia e Pedro Muralha.

Tiro Nacional

Fundou-se em Setubal com o nome de atiradores Civis Bocage, uma nova sociedade que ficou sendo a 13.ª filial da União dos Atiradores Civis Portuguezes.

Pelo Estrangeiro

Morte do sprinter italiano Passini

Depois de seis mezes de penosa doença, morreu em Bertinoto o italiano Passini que foi ha uns dez annos uma das glorias do cyclismo.

Formou em Tonaselli um *tandem* que pelo elevado numero de victorias que obteve, era chamado o *tandem invencivel*.

Um novo aerodromo.

O conde de Champgrand offereceu o exemplo d'Avor para se fazer um aerodromo. Já apresentou ao ministro da guerra a sua proposta que parece ser deferida, visto as boas condições que apresenta este campo para o fim o que é destinado.

PARTIDA

Partiste! e na minh'alma anouteceu,
com a luz dos teus olhos foi-se o dia;
olhei o ceu e vi que ennegreceu,
olhei em volta e vi que nada via.

Porque foi que mudou de côr o ceu,
porque foi que eu aenti que s'extinguia
a luz que toda a tarde m'envolveu,
a luz que até então eu bemdizia?

Porque foi que ficou tão de repente
a terra toda envolta em densos véus,
e que a minh'alma só tristeza sente?

Foi que na dor do nosso triste adeus
me não disseste, não, qu'embora ausente
serão p'ra mim os pensamentos teus.

Junho de 1907.

MAPYLAR.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente Lopo M.

Quando, dobrado o cabo dos *inta* se entrou denodadamente no mar revoltoso dos *enta*, para que serve consultar um feiticeiro? Pois quê! Desenganos, hipocrisia, propositos malevolos, ingratições, tudo passou no furacão da vida por sobre a sua cabeça quasi encanecida, e quer saber o futuro? Porquê? Para quê? O que espera saber? Que esperança luminosa ainda se alimenta na candeia enfermiza da sua vida?

Não, meu amigo, não: na sua idade e com o coração torturado, não se espera já, desespera-se.

Que ao soffrimento do consulente sirva de balsamo consoladôr o saber que num mundo melhor, terá vestida a tunica branca destinada áquelles que, dedicados em extremo na vida terrêna, nela recebem, em troca, desenganos crueis.

Continue amando o proximo mais do que a si proprio, sem esperar a paga da sua virtude. Reciba, sereno e mudo a ofensa do seu semelhante, acuda á desgraça alheia na força das suas posses, sem querêr saber se é amigo ou inimigo o que soccorre; perdõe, perdõe sempre, sempre, até ao ultimo instante da sua vida e terá a ajudal o a subir a luminosa escada da Eternidade, os braços de todos os virtuosos Ancestraes que sobre a terra teem sido os guias invisiveis da sua existencia. Ajude-se, Deus o ajudará!

Consulente: Maria S. R.

Os primeiros annos da sua vida e toda a sua mocidade serão tormentosas; mais tarde possuirá bens de fortuna, quintas, fazendas, lavoira, e meicê do gosto que se lhe ha de desenvolver pelas coisas ruraes, verá aumentarem-se-lhe constantemente os cabedaes. Repito-lhe: não se amofine, nem desespere por não vêr chegar cêdo a felicidade; a seu tempo tudo ha de apparecêr. Nos momentos difficeis da sua vida, não desanime, porque, quando se julgar á beira do abismo sempre uma protecção providencial virá em seu auxilio.

Dos dois mancebos de que me fala, com franqueza lhe digo que nenhum déles lhe serve: o *bom* só mais tarde apparecerá, quando V. Ex.^a ménos o espere.

Dê as esmolas que puder, e não diga mal de ninguem, pede-lhe um homem que, sem a conhecêr, se interessa muito pelo seu futuro.

G. C.

Portugal Pittoresco



OLIVEIRA DO HOSPITAL — Igreja Matriz

Os furtos em trens

Alguns exemplos

Ha alguns dias, uma senhora, segundo as notas fornecidas pela policia aos reporters dos jornaes, foi victima de um furto — diz essa senhora — de vinte contos que trazia em uma pequena maleta, na occasião em que desembarcava na estação da Sorocabana Railway.

Se o caso está ou não apurado, não sabemos. Furtos dessa natureza, porém já deixaram de ser casos esporadicos; dias antes os jornaes noticiaram que um passageiro da Estrada de Ferro Central ficára sem sua mala na estação de Lorena, na occasião em que alli se apeára para conversar com alguns amigos.

Estes e outros casos conduzem-nos a suppôr que temos já no Brazil esse ramo de gatunos, especie importada agora da Europa, onde, annualmente desaparecem aos passageiros que viajam em estradas de ferro cerca de trinta milhões de francos em joias e dinheiro. A estatistica chegou á perfeição de poder tirar uma tal média. Não admira. Tudo alli está bem aperfeiçoado: a sciencia que é util e a sciencia do crime.

É verdade que para a perpetração de taes furtos concorre muito a facilidade do passageiro, se bem que muitissimo aperfeiçoada esteja a arte do roubo em taes logares. De ordinario a facilidade do passageiro está em se descuidar com as suas malas ou maletas, as quaes deixa, ou na plataforma ou no banco do vagão, entregando-se á palestra com outras pessoas. A esse descuido corresponde uma numerosa quadrilha de gatunos de paizes differentes, cuja especialidade de trabalho habilissimo consiste em roubar pequenas maletas, empregandos os meios mais engenhosos.

O ladrão que se dedica a esta especialidade necessita de um campo de acção vastissimo, porque depois de praticar um roubo importante em uma linha ferrea, ser-lhe-á perigoso continuar *trabalhando* na mesma estrada, pelo menos durante alguns mezes. Um segundo roubo na mesma linha seria desastroso para o gatuno, achando se os passageiros de sobre-aviso. Portanto — a quadrilha, na Europa, é internacional — um gatuno que pratica agora um tal furto na Inglaterra, por exemplo, passa logo a operar na França, na Italia ou na Hespanha.

A maior parte desses individuos operam sós, se bem que, ás vezes, sejam dois. Os seus planos estão opti-



mamente calculados, com a calma e frieza que pôde ter em seus negócios o mais dextro jogador da Bolsa.

Em qualquer dos principaes paizes da Europa não é raro ver dois cavalheiros vivendo nos melhores hotéis, dando a impressão de uma vida feliz, e lendo de manhã uma porção de jornaes com a attenção de um politico ou de um bolsista. Depois, encerrados em seu quarto, abrem um jornal e tomam nota de nomes e datas. São as noticias de proximas partidas de pessoas do alto mundo, secções de jornaes em que se lê que tal duque, marquez, conde, barão ou dama aristocratica parte para aqui ou para alli. Esses, individuos, que não fazem outra profissão, sabem perfeitamente se o duque A. ou a marqueza B. costumam ou não levar joias consigo quando viajam, e se o não sabem inventam mil meios para o averiguar. Este trabalho de investigação leva-lhes, ás vezes, dois e tres dias. Acabam sempre por se inteirar do que desejam.

Ha poucos mezes, uma senhora muito conhecida na aristocracia ingleza dispunha-se a sahir de Londres. Chegou á estação dez minutos antes da hora, acompanhada da sua creada, a qual levava em uma das mãos um pequeno estojo de toilette, e na outra uma maleta com joias. A senhora aproximou-se do *guichet* dos jornaes para comprar alguns, ficando a creada esperando-a perto de um banco onde estava sentado um cavalheiro elegantemente vestido de sobrecasaca, chapéo alto, e cujo aspecto não dava motivo á mais ligeira suspeita.

(Continúa)

FIGURAS DO PALCO



Antonio Pinheiro

Pergunta... imbecil

Ao inspirado poeta MANUEL CHAGAS

Desculpe a futil pergunta,
Que n'estas rimas lhe faço:
Na minha *tôla bestunta*,
Lucto, com grande embaraço,
Por não encontrar synonymo
Da palavra Pardiélo,
Que lhe serve de pseudonymo;
Por isso p'ra vós appello
P'ra me dizer com franqueza
Se esse nome tão singello
Será simples *madureza!*

ELMINO.

CONTOS BREVES

Pagina dum suicida

a Alvaro Bettamio d'Almeida

Se o nome de Lourenço Furtado ainda não foi esquecido de todo por aquêles que o conhecêram, esses lerão, sem duvida com interesse, as linhas que vão adiante e que foram encontradas, escritas numa folha de papel almaço, em cima da secretaria do suicida.

Lx.º 2 nov. 1908=11,45 (noite).

«—Morte! que misterios encerras?... Ninguém o sabe... todos o podem saber... Basta ir ao teu encontro, corajosa, resolutamente, que nenhum misterio existirá já!... Nada poderemos contar, porque não voltaremos a este mundo. Que importa isso porem, se te ficamos «conhecendo?...»

Um dia, quando já não puder resistir ao desejo de desvendar o misterioso véu que te encobre, partirei sem hesitar...»

Taes eram as palavras que muita vez dizia de mim para mim. Pois bem, é chegada a hora! Não posso resistir á «curiosidade»! Vou partir portanto!...

Serei como que um arrojado descobridor de mundos: Colombo descobriu a America; Vasco da Gama, a India... eu, descobrirei a «Morte»!... Uma differença haverá apenas: eu guardarei a minha «descoberta» só

IO — FOLHETIM DO "AZULEJOS,"

BASILIO JAX

ESTANISLAU SAM

(A Carteira d'um polieia)

(Continuação)

CAPITULO IV

Quem matou o velho?

—Adivinhaste! Agora ouve, necessario pôr-te ao corrente da situação em quanto a carruagem foge por essas ruas atulhadas de povo. Hontem á noite como sabes, praticou-se o crime. Deitei-me por volta da uma. Tencio nava dormir regaladamente até ás oito da manhã por quanto o dia fôra para mim de trabalho fatigante; o corpo pedia repouso. Adormeci rapidamente mas, a breve trêcho fui acordado pelo meu servo particular. Abri os olhos e olhei para o relógio que tenho em frente da cama; eram duas e quarto

da madrugada. O caso era sério, muito sério mesmo, porquanto o meu criado havia recebido ordem minha de me despertar unicamente em circumstancias extraordinarias.

—Que ha, exclamei, está o predio a ardêr? ha ladrões em casa?

E, mesmo falando, ia envergando um vestuario simples mas forte, porque a noite estava fria.

—Acaba de chegar o Snr. inspector da quarta brigada e pede para falar immediatamente ao Snr. Sam.

—Manda-o entrar imediatamente. Momentos depois o inspector estava diante de mim. O homem vinha pallido e, com franqueza, parecia-me um pouco atrapalhado.

Apoz ligeiros cumprimentos pôz-me ao corrente do que já sabes pela leitura do jornal e acrescentou:

—Fiz uma rigorosa busca em toda a habitação. Na janella que, do quarto do velho, deita para o jardim, encontro o parapeito, que é de madeira, um pouco esfolado pelos pregos dum tacaõ de bota: a esfoladura da taboa está collocada mesmo ao meio do parapeito. Alem disso existem, no mesmo logar bocados de terra, ahi deixada

pêlo calçado. No jardim ha, desde o ponto que fica por debaixo da janella, até á parte do muro que fica em frente, pégadas resultantes da bota ou sapato de homem. Este calçado devia sêr forte, pesado e ornado em volta de duas ordens de prégos valentes. Veem-se perfeitamente estes traços impressos na terra do jardim. O muro está um pouco escalavrado tambem e do lado de fóra dêle ha apenas duas ou três pegadas iguaes ás do jardim, o que me leva a crêr que o assassino tinha ahi uma carruagem á espera. Como a rua é muito concorrida de dia, existiam ali varios traços de rodados de carros e era impossivel seguir uma pista. Perguntei ao genro do velho Edgard se ouvira o ruido da carruagem começando a andar, porem respondeu, e isso compreende-se, que preocupado com os dois gritos que ouvira no rez-do-chão, não dera attenção a mais nada. Num macisso de relva que fica a igual distancia da casa e do muro, encontrei esta arma que deve têr sido a que tirou a vida ao Snr. Hawthorne.

É o inspector sacou da algibeira furtada da sobrecasaca um delicado,

para mim; elles fizeram presente das suas á humanidade... Foram generosos. Serei egoista...

Amanhã, quando os meus amigos — os meus «conhecidos» — souberem da minha morte, perguntarão «—Mas porque diabo se suicidaria o Lourenço?», sem acharem resposta plausível visto que me sabem rico e sem amores, «sem acharem resposta» é o modo de dizer: neste mundo tudo a tem e a deste caso é até bem simples: «uma neurastenia...» Sim, porque quando alguém resolve abandonar a vida sem causa determinada, a culpa desse ato é sempre atirada para as costas largas dessa doença nervosa. Passarei portanto por neurasténico... Que me faz isso?...

Afinal sou simplesmente uma victima da epoca, nada mais... O meu espirito é um espirito aventureiro e investigador por excelencia. Se eu tivesse nascido no seculo XV descobriria novos mares, novos continentes... No começo do seculo XIX teria talvez inventado o caminho de ferro... Ha poucos anos mesmo, ainda teria com que me occupar: os automoveis, a telegrafia sem fios... Mas agora... agora que me resta?... A aviação?... Pf... essa já nada me interessa depois dos ultimos resultados dos Wrights e de Farman... Para o polo sul partiu ha pouco o Dr. Charcot... Não ha duvida, não: a unica coisa interessante que existe atualmente na vida, é... a morte! Pois bem, serei o primeiro explorador dessa região misteriosa, completamente desconhecida...

E que viagem tão comoda! Nem sequer é preciso arranjar as malas!

lindo e elegante punhal. Peguei-lhe quasi instinctivamente. Era um estilête veneziano, cuja lamina flexivel, delgada e brilhante, rão teria mais de uns quinze centímetros de comprimento. Junto á ponta, uma camada de sangue seco e denegrado cobria o aço na extensão de uma mão travessa. Mas, coisa extraordinaria, e isso chamou logo a minha atenção, o cabo do punhal não correspondia á belêza e á finura da lamina. Era um bocado de pau, grosso, toscamente torneado, em cruz e coberto, e h esquisitice digna de reparo! de papel doirado, já esfoladito em partes e muito sujo, signal de frequente uso. Decerto que, primitivamente, aquêle se beíbo ferro estivera cravado num cabo artistico bello, digno da epoca em que fóra feito. O inspector parece não ter reparado nesta discordancia porque não se referiu a ella. Calei-me tambem para que elle não julgasse que lhe queria dar quinau em materia profissional.

— De resto, continuou o inspector, pedaços de terra igual á do parapeito, desde a janella até á alcova e dentro desta. Nêsse quarto encontrei tudo numa certa desordem.

Um tiro e — como a bala — vagou lançada pela peça de Julio Verne em direção á lua — lá iréi de longada até ao «infinito»!... Uma viagem ao infinito de graça, não é coisa que se possa desprezar...

A hora da partida fixei-a — maravilhoso comboio que não tem horario! — para a meia-noite, isto é para daqui a três minutos: quando no calendario se substituir um 2 por um 3, substituir-se á tambem, neste quarto, um vivo por um morto; abalarei desta para... ainda não sei que outra...

Mas se todos morrem, todos ficam conhecendo a morte?... E' certo, a «intenção» porém é que é tudo. Os outros vão até «ela» sem saberem, sem se importarem para onde vão; enquanto que eu, não... «eu não morro!» Parto apenas para uma exploração arrojadada, cheia de perigos e donde não poderei voltar, é certo... Mas isso que tem? «Voltavam» porventura La Pérouse ou Andree?...

Sim, sim! Sou eu o primeiro homem «que não morre»!... No entanto não encontrei a formula do elixir da longa vida...

Um pensamento me atravessou agora o espirito: Serei um louco?... Talvez... é possível... Sou um louco... um louco... Que me importa?... Quero «saber»! Quero «saber»!...

Os ponteiros avançam...
Um minuto... 30 segundos... 15 segundos... um tiro...

MARIO DE SÁ CARNEIRO.

Na fechadura dum cofre á prova de fogo que ahi existe, haviam signaes evidentes de que alguém pretendêra arrombar-o com um objecto contundente, mas não conseguira o seu fim. A gavêta duma pequena mēsa que se achava ao lado do cofre estava aberta. Havia ahi papeis que só tinham importancia para o proprietario e parece que o ladrão, porque não tenho a minima duvida que se trata dum larapio da pior especie, se convenceu disso, porque nem desarrumou os papeis que existiam dentro da gavêta.

— E... dinheiro... faltou algum? perguntei interrompendo o meu interlocutor.

— Parece que não. O velho havia recebido na vespera uma importante quantia... dez mil dollars; essa importancia estava intacta dentro do cofre, como se apurou, abrindo-o com a chave que Hawthorne tinha na algibeira do colête.

— Qual é pois a sua opinião meu caro inspector?

— Que se trata dum ladrão vulgar que sabendo haver o velho recebido uma grande sôma e vendo a janella do rez-do-chão aberta, entrou em casa

A Ideia do Sr. Trincart

(Continuação)

Mas havia muito tempo já, que elle não encontrava nem Trincart nem Grangemont. Já fóra de si, um dia, foi a casa d'um d'elles para acabar com aquillo por uma vez, porém disseram-lhe que andava a viajar.

— Já entendo, aquelles mariolas andam se a esconder. Não se atrevem a apresentar-se de cara a cara. Para não falharem o golpe, fingem que não estão em Paris. E' verdade, é uma boa ideia. Tambem eu vou dar ordem ao meu porteiro para que diga a todas as pessoas que me venham procurar que estou no campo. E' mais uma probabilidade de segurança.

Effectivamente assim fez: continuou a viver, dum modo que fazia dô não fallando a ninguem e indo jantar aos restaurantes, onde não se atrevia a comer se via alguém olhar para elle durante cinco segundos.

Esfomeado, andava então duas leguas para ir comprar pão a algum padreiro dos arredores de Paris, o qual com certeza não entrava na conspiração.

Aquella vida era um inferno; estava já convencido de que mais valia suicidar se do que estar a soffrer tantas angustias, quando um acontecimento inesperado veio mudar o aspecto das coisas.

VI

Trincart tinha sido o primeiro a chegar a Paris, sériamente persuadido de que Grangemont andava enterrado pelas neves do Canadá.

Não cabia em si de contente: Ao

aproveitando se do isolamento d'aquelles aposentos durante o jantar e que não tendo tido tempo para arrombar o cofre por sentir gente proximo de si, fugiu audaciosamente, matando o velho que se lhe interpoz...

— Mas a criada disse...

— A criada é uma tonta de quasi setenta annos. Atrapalhada com a aparição subita do malfetôr, não viu sequer se Edgard tentou ou não detêr o fugitivo.

— Assim será e creio que o negocio hade apurar-se e bem confiado como está a um dos mais habéis agentes desta cidade. Aposto que o meu amigo encontrará o patife no espaço de vinte e quatro horas.

E dizendo estas palavras ao inspector que surriu modestamente ao meu elogio e me cumprimentou cortezmente com um movimento de cabeça, eu estava mentindo, porque pensava exactamente o contrario. Achava naquella historia pontos obscuros, contradictorios e mal explicados.

(Continúa)

menos, por algum tempo, não havia razão para estar aterrorizado. Lá estava o Santo-Estevam, é verdade, mas Trincart não lhe tinha muito receio. A' cautella, sempre quis saber o que era feito d'elle.

— Está no campo, disse lhe o porteiro. Trincart deu uma volta á direita, esfregou as mãos, sorriu e voltou para traz para dar cinco francos ao porteiro que lhe tinha dado uma noticia tão agradável.

— Até que enfim, exclamava elle, posso respirar por alguns dias, posso ir ao club, posso lá jantar... lá jantar, repetiu, e jogar a minha partida, grande ou pequena, como eu quizer, todas as partidas que tiver vontade de jogar, sem vêr diante de mim aquella cara de carrasco do Grangemont, daquelle patife, daquelle mariola, daquelle sclerado. Ao menos, consola, dar-lhes estes nomes.

Foi para casa. Vestiu-se, poz o chapéu á banda, agarrou na bengala e com um ar sereno e atrevido ao mesmo tempo, safu.

Estáva tão cheio de si como havia muito não estivera. O tacão do sapato batia com força no asphalto. Com a bengalinha fazia redemoinhos. Ia arrancando um olho a uma senhora de idade que passava. Sentia-se quasi feliz.

(Continua),

A TYSICA...

(A Bento Mantua)

Por uma velha e tosca escadaria
Descia a passo curto, as mãos no espaço,
Uma pobre mulher que me sorria,—
Noiva da Morte n'um funereo laço.

Era tysica, a triste... Quando lia
Tinha na luz do seu olhar tão baço,
Como que os tons vermelhos da Ironia,
Que me pareciam laminas de aço.

Um dia perguntei-lhe a sua historia...
E a pombinha evocando da memoria
O seu negro Hospital dos tempos idos,

Contou-me cousas taes d'esse Hospital,
Que ficámos os dois — symbolos do Mal—
A soluçar e a rir... como perdidos!...

MARIO DE SANTA-RITA.

26-1-1909

Para o distincto solicitador encartado e amigo
MANOEL LUIZ PAES

Dou-lhe parabens
— Em versos singelos —
Que os annos se sigam
Risonhos e bellos
E' o meu almejo.
E sinceramente
Aqui lhe desejo
Que tenha um provir
Ditoso, ridente,
Com muitas venturas
E prosperidades;
E passe uma Vida
De felicidades.

ELMINO.

POSTA RESTANTE

Cintra do Valle — Não recebemos o conto; queira mandar de novo caro seja bom public-se.

Pateta — As suas glosas estão muito fraquinhas, queira glosar melhor o motte que veio estaremos ás suas ordens.

Edipo — Não recebemos nenhuma das glosas que diz ter-nos enviado.

Olhão — Se á consulta ainda não chegou a sua vez.

Maria S. R. N. — Idem.

F. Neves — Irá assim que houver vaga.

Quadras vermelhas

VIII

Saúdo-vos, radiante,
Homens de saber profundo;
Que a vossa pena brilhante
Illumine todo o mundo.

IX

P'ra Vida alegre passar
Só muito amor me sorri;
Quero viver para amar,
Já que d'um amor nasci.

X

Avante! trabalhadores
P'la vossa emancipação
Libertae-vos dos senhores
Que sugam o vosso pão.

ELMINO.

Da tragedia

A meu irmão Guilherme á sua alma de artista

Hei-de um dia beijar-te a bocca ennegrecida
E cravar-te no seio as garras sensuaes...
Dos teus braços lançar a maldição á Vida,
Em ancias de luxuria, em gózos bestiaes!

Quero amar e sentir tu' alma corrompida,
Teu desdem apprender ás cousas virginaes,
A fogar em *cognac* est' alma apodrecida, —
Mas ter sentido n'ella instinctos connibaes!

E quando, enfim, parar meu coração retinto,
Fica tu a cantar a minha historia, entanto,
A' Vida, entre um cigarro e um calice
d'absintho...

E se alguém me cuspir com áscio na memoria,
Dize-lhe tu, então (que me será grata a gloria)
— Elle viveu assim por ter soffrido tanto!

1908

MARIO DE SANTA-RITA.

CURIOSIDADES

Conselhos d'uma avó

Nunca perguntes a idade a uma mulher; não gracejes nunca com um policia; nunca jogues o xadrez com uma viuva; a saraus e bailes leva sempre o chapéu mais velho; n'um jantar senta-te sempre ao lado de quem trincha.



JANUARIO & MOURÃO

Ourivesaria e relojoaria

Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 1\$000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.

Importação directa das fabricas.

Preço fixo

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A



GATOPRETO

R. S. Nicolau (esquina da R. do Crucifixo)

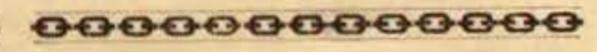
Lindissimos objectos para brindes

Característicos e originaes modelos em

LOUÇA DAS CALDAS

Artigos de pintura

Tintas a oleo
d'aguarella e
pastel. Vernizes,
telas, pinceis,
papeis e todos
os artigos pro-
prios.



JULIO G. FERREIRA & C.^A



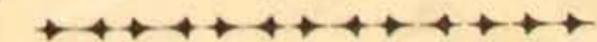
Fornecedores da Casa Real

82 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas para
agua gaz e electricidade
Grande sortido de
lustres em todos
os generos



Pensamento Amoroso

De Gaston Paulin

Andante

PIANO

avec expression

p

rit.

Tempo

rit.

accel.

très retenu

p

ppp